



2002/01/15

AS NOVAS AMEAÇAS E O ELO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

Vivemos hoje um clima de segurança que, além de ter alterado significativamente as bases em que até há pouco desenvolvíamos os nossos conceitos de segurança e de defesa, trouxe novas exigências no âmbito da cooperação estratégica entre estados. Naturalmente que se continuam a verificar em diversas regiões do mundo vários conflitos clássicos, com uma base de natureza territorial, muitos dos quais não deixarão de se repercutir, mesmo que apenas indirectamente, sobre os nossos interesses e os valores que procuramos defender. Alguns deles poderão evoluir, como infelizmente tem acontecido frequentemente, para situações de desastre humanitário exigindo, para que se lhe ponha cobro, uma intervenção externa a que não nos deveremos furtar. Porém, para além desse tipo de situações, no que respeita directamente ao Ocidente, estamos também confrontados com um novo tipo de ameaças que têm a ver mais com uma luta de ideias do que com esse tipo de disputas territoriais e que mesmo não pondo de imediato em causa a inviolabilidade das nossas fronteiras representam os mais sérios riscos à segurança e estabilidade de que necessitamos para que haja progresso. Combater essas novas ameaças não só passou a exigir uma abordagem mais abrangente para ter em conta todo o tipo de áreas de possível intervenção como também a procura de entendimentos para acções concertadas sobre uma base de apoio que quanto mais alargada e consistente for mais probabilidades de sucesso consistente poderá proporcionar. Respostas a um nível meramente nacional serão geralmente insuficientes em termos político-estratégicos além de terem deixado de ser materialmente possíveis, na grande maioria dos casos. Os terrivelmente trágicos acontecimentos do 11 de Setembro ainda que consubstanciando um ataque directo aos EUA visaram paralelamente os valores de liberdade, justiça, progresso e paz e um sistema de vida que pertencem hoje a uma comunidade que não pode deixar de lutar, sempre que necessário, pela sua preservação. É precisamente neste âmbito que a NATO continuará a ter o decisivo papel de materializar, pelo menos de uma forma tão eficaz como o fez durante a Guerra Fria, a parceria transatlântica entre os EUA e a União Europeia de que tanto continua a depender a paz e a segurança mundial. Daí a grande importância, principalmente política, da pronta e inequívoca invocação do artigo 5º da Carta do Atlântico Norte, que embora sempre imaginado para funcionar em relação a agressões no teatro europeu, veio desta vez a ser utilizado para veicular a solidariedade dos membros europeus da Aliança assumindo, juntamente com o Canadá, que o ataque sofrido pelos EUA representava um ataque a todos eles, posição logo de seguida apoiada na subsequente tomada de posição conjunta dos actuais 46 países que pertencem ao Conselho de Parceria para a Paz. A conferência que a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e a Comissão Portuguesa do Atlântico tiveram ocasião de organizar conjuntamente sobre o tema das "Novas ameaças internacionais e o elo transatlântico", da qual esta publicação reúne as intervenções que foi possível recolher, pretendeu constituir fundamentalmente uma jornada de reflexão e debate de ideias nos quais os ataques terroristas que os EUA sofreram constituíram um assunto central. A honrosa e muito alargada adesão que a iniciativa suscitou e a elevada qualidade das palestras proferidas constituíram um importante contributo para o aprofundamento destas questões, contributo esse que fica a partir de agora disponível, por esta via, para uma mais alargada audiência.